Storytelling e Metodologias Sensoriais para o Ensino de Astronomia para Deficientes Visuais

Autor(res)

Angelica Da Fontoura Garcia Silva
Michelle Di Loraine Brito Peixoto
Jeanne Dobgenski

Categoria do Trabalho

Iniciação Científica

Instituição

ANHANGUERA - EAD

Introdução

A astronomia “é, na sua essência, a ciência da observação dos astros. Seu objetivo é situá-los, no espaço e no tempo, explicar os movimentos e as suas origens, descobrir a sua natureza e as suas características” (MOURÃO, 1997, p. 22). Instiga-se, de uma forma mais prazerosa, à abstração e à investigação do micro e macrocosmos. Yoshikawa (2010) explica: o ensino de uma ciência qualquer valoriza o método da observação. A prática docente em vigor continua com o método tradicional em que se utilizam recursos visuais, dificultando o ensino a alunos com problemas de visão. O storytelling é uma habilidade ancestral. Significa “contação de histórias” e como proposta de recurso didático pode trazer ao aluno deficiente visual (DV) “a visão daquilo que é contado”, "enxergando com os ouvidos”. Além do storytellying, pode-se utilizar tecnologias e materiais sensoriais diversos. São recursos responsáveis por favorecer o ensino por outras vias, focando nos sentidos mais desenvolvidos pelos alunos DV.

Objetivo

Apresentar uma proposta de pesquisa que busca estudar o storytelling e as metodologias sensorias para o ensino da astronomia voltado aos estudantes com deficiência visual.

Material e Métodos

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica no catálogo de teses e dissertações da CAPES, por meio dos operadores booleanos AND e OR, usando as palavras-chave “contação de histórias”; “educação inclusiva” (EI) e “astronomia”, além de uma busca na plataforma Google. Por meio desta, procurou-se justificar e fundamentar teoricamente a pesquisa proposta, tendo em vista contextualização histórica. Além disso, foram levantadas atividades acadêmicas que possam ser utilizadas no ensino da Astronomia para alunos DV.

Resultados e Discussão

Para Vigotsky (1989, p. 35 apud SANTANA, 2019, p. 2) não existem diferenças na educação de uma criança vidente e uma cega, só se muda o caminho a seguir para o aprendizado.
É importante existir programas de capacitação docente com vista à elaboração e concepção de aulas estimulantes

tanto ao profissional quanto ao estudante, seja ele deficiente visual ou não, para tanto, pode-se partir do princípio de significação de mundo de Paulo Freire (ROCHA, 2016). Dessa forma, por meio do uso de recursos que quebrem as barreiras do uso de lousa e giz e partam para o estímulo sensorial, espera-se possibilitar que o ensino de astronomia ocorra também para o deficiente visual. Este estudante pode não ter visão ou ela ser parcial, mas seus outros sentidos são mais desenvolvidos justamente para suprir a falta da visão. Portanto, experiências táteis e auditivas podem auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Conclusão

Espera-se contribuir com aspectos metodológicos eficientes para a aprendizagem dos alunos DV. Pretende-se mostrar a relevância da preparação dos docentes, recursos didáticos e da instituição possibilitando um ensino significativo e atrativo para a EI. Tanto alunos videntes quanto DV, por meio de aplicação de metodologias diversas, poderão usufruir do conteúdo ensinado. Isso se dará por meio da prática no ambiente escolar e da preparação dos professores, buscando sempre o seu aprimoramento.

Referências

MOURÃO, R.R.F. (1997) Da terra às galáxias: uma introdução à astrofísica. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, p. 22.

ROCHA, Rafael Gomes Coelho da. Ensino de Astronomia na Perspectiva da Inclusão de Deficientes Visuais em Aulas de Física do Ensino Médio. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza. Niterói, 2016.

SANTANA, Carla Suely Correia. Tateando o Céu: ensino de astronomia para estudantes com deficiência visual. Pós-Graduação em Astronomia Mestrado Profissional UEFS. Feira de Santana, 2018

YOSHIKAWA, Renato Chimaso dos Santos. Possibilidades de aprendizagem na elaboração de materiais didáticos de biologia com educandos deficientes visuais. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.